

O Arquivo 15.9.94

ticamente; os outros defendem sempre a "sua" razão...

Erick von Wolfgang

Director: Ju

Maria de Lurdes Pintassilgo e a pobreza

Fundação Cuidar o Futuro

Durante estes últimos anos, a Eng^a Maria de Lurdes Pintassilgo farta-se de falar sobre a pobreza, contra cujo vergonhoso estatuto é imperioso lutar. Gostaríamos muito de saber em quantas conferências internacionais, a cândida senhora já participou e qual o balanço dessas sacrificadas actividades. Em Portugal, que nos conste, nunca a sorridente e anafada senhora perdeu um minuto a equacionar as situações sub-humanas em que ainda vive muita gente. Naturalmente que não escapa à compreensão de grande parte dos portugueses, que é muito mais fino e, com certeza, mais prestigioso, compartilhar com grandes e importantes Comissões Internacionais contra as fomes universais, que reduzir a sua capacidade de influência à exiguidade deste rectângulo, onde o espírito messiânico da rechonchuda ex-primeira-ministra mal caberá.

Dessas histriónicas conferências internacionais, a senhora trouxe a estatística vergonhosa indicadora de que "uma em cada quatro pessoas do planeta vive na miséria". As conferências que reúnem "notáveis" e evangélicas criaturas oriundas dos países relativamente abastados e de outros, onde a fome e a mais vil miséria invertem ampliadamente as estatísticas da Senhora Eng^a, países, portanto, onde 98 em cada 100 vivem na mais negra degradação, essas conferências, dizíamos, decorrem normalmente em hotéis de cinco estrelas, com os partici-

(Continua na próxima página)



...ria de Lurdes Pintasilgo e a pobreza

(Continuação da página anterior)

pantes regalados entre champanhe e caviar. O descarado e desonesto despesismo dos hipócritas, transformam as trágicas realidades dos seus países, em lúgubres conclusões planetárias e com isso se sentem na paz do senhor.

O imperativo político da luta contra a pobreza passa, queira-se ou não, pela contenção dos que se cevam nas gamelas dos orçamentos, enquanto outros nem sequer têm direito aos restos das branquetagens. A senhora Pintasilgo tem obrigação de saber isso.

Um país, como uma empresa ou uma família, têm rendimentos limitados. Se uns tantos embolsam milhares, garantindo um futuro da mais ofensiva ostentação, é fatalmente impossível evitar que aos outros nem sequer caibam algumas migalhas do tesouro. Não defendemos, nem nunca defenderemos a igualdade nas remunerações e muito menos os decretos pretensamente igualitários. Esses preceitos jacobinos e farisaicos, deixamo-los a essa cúpula de "íclitos democratas" a cujo povo destinam um linguajar beatépico que não desce a fasquia do queixo, mas, enquanto pudermos, havemos de denunciar a vigarice mental dos que falam da fome e não se preocupam, minimamente, com os que a sofrem.

Ignoramos se nas fronteiras administrativas do nosso distrito, ou mesmo no nosso concelho, são muitos ou poucos os casos de fome autêntica. Já um dia quizemos lançar uma campanha, de freguesia, bairro ou rua, que permitisse a avaliação segura dos casos possíveis de indigência. Desistimos depressa, embora firmemente convencidos que é exequível um levantamento sério dessas situações e que Aveiro, distrito ou concelho, tem toda a possibilidade de sustentar os seus pobres que, às vezes, nem são os que ostensivam sinais disso.

A Eng^a Pintasilgo tem obrigação de saber que os problemas globais são constituídos pela aritmética das particularidades. E como país pequeno que somos, situado socialmente a milhas dos que rolam no "pelotão da frente", poderíamos, como no tempo dos descobrimentos, pioneirar ensaios que, enfrentando os "adamastores" das desgraças, dessem ao mundo exemplos de solidariedade nunca dantes praticados!